



## GT 061. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Renata de Castro Menezes (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, Rodrigo Toniol (Unicamp) - Coordenador/a

O crescimento da literatura das ciências sociais dirigida às materialidades, objetos e coisas é fato notório. Nas últimas décadas, a diversificação de abordagens teórico-metodológicas mobilizadas pelo tema tem se refletido na consolidação do que já é quase um subcampo disciplinar, com debates prioritários, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é dar sequência às discussões levadas a cabo nas três ocasiões anteriores, nas RBAs, e reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo e controverso na relação com a religião? Estatuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em formas sensoriais diferenciadas da experiência com o sagrado?

### Judeus ou evangélicos? Novos arranjos materiais sobre o sagrado no movimento pentecostal contemporâneo

**Autoria:** Thayane Fernandes, Arthur Vinícius Gonçalves Ferreira Rodrigo Ludermir de Oliveira

Nas igrejas pentecostais de terceira onda, conhecida como neopentecostais, vimos ressurgir entre os evangélicos a utilização de objetos materiais em seu cotidiano, tendo como o maior expoente a Igreja Universal do Reino de Deus/IURD através de suas rosas unguidas, vassouras abençoadas, sabonetes que purificam o espírito, dentre outros. Atualmente, nos parece que o cenário se expande em direção a outra religião. Distanciando-se da tradicional matriz religiosa brasileira (Bittencourt, 1996), as igrejas pentecostais contemporâneas/independentes, juntamente com o Novo Templo de Salomão - consomem e ressignificam o acervo da cultura material judaica. Neste sentido, justificados pela escassez de pesquisas acerca desta temática, objetiva-se aqui discutir essas materialidades através de uma possível recente configuração no campo religioso brasileiro pentecostal, o que chamamos até o momento - de reinvenção de símbolos do judaísmo?. Objeto de uma dissertação em andamento, esta nova configuração foi pensada a partir do nosso campo de pesquisa - a igreja Ministério Apostólico Bíblico da Graça/ MABG, que está localizada no bairro do Ibura de baixo, na cidade do Recife, Pernambuco, além de outras igrejas. Fundada por um casal de líderes carismáticos (Fernandes, 2017), a MABG tem 19 anos de existência, cerca de 300 membros e desde o ano de 2014 produz novos arranjos teológicos em suas práticas, estes, fundamentados na utilização de elementos - materiais e imateriais - exógenos ao protestantismo, sobretudo, símbolos centrais no Judaísmo. Tais elementos se manifestam nas celebrações do ritual Shabat e das festas judaicas realizadas ao longo do ano na MABG, que segue, grosso modo, o calendário judaico, estas celebrações, estão repletas de símbolos e rituais realizados pelos judeus ortodoxos e messiânicos. São utilizados objetos como a quipá, o talit, o shofar, a menorá, a bandeira de Israel, estes, ocupam um lugar dúbio e por vezes, controverso no corpo das práticas da igreja - que cada vez mais aparenta (e afirma) buscar a essência da igreja primitiva - ao assumirem diferentes significados nas igrejas pentecostais contemporâneas. Buscamos, por meio do work



etnográfico, analisar como este corpo de fiéis mobiliza e é mobilizado pela narrativa e prática simbólica e material da cultura judaica. Refletindo sobre os processos de desencantamento e reencantamento do mundo (Weber, 1982), dialogamos teoricamente com Latour (2012), Appadurai (2008) e Geertz (1989), e posteriormente somos conduzidos a pergunta de reflexão suscitada com este work: quais os fundamentos, efeitos e possibilidades dessa reinvenção e incorporação da cultura material judaica na MABG e, se viável, no pentecostalismo contemporâneo brasileiro?



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

